

## Olhar pra trás.

Mauricio Pimentel – Mai/2005

E com sua volta trouxe à tona a prova de que seu discurso não era uma promessa vazia ou demagógica, mas sim a verdade vivida em sofrimento por ele próprio. O seu ato, conhecido por muitos, acompanhado por poucos e entendido por quase ninguém, criou uma nova forma de se entender a sua mensagem, que não era original no conteúdo, mas na forma.

Dizer que se devia isto ou aquilo e não se devia aquilo outro não era necessariamente criativo, mas viver o que falava e mostrar que era possível, embora, não fácil...isto sim foi de uma inventividade admirável.

Também pudera!

Por alguns anos estive com seu povo, observando, aprendendo e, talvez o mais importante, tentando inculcar nas consciências aquela que seria a maior verdade. Mas como levá-los a entender?

Era perceptível e claro que muitos outros já haviam tentado golpes parecidos e que a mensagem, como já dito, não era inédita, porém, não assumida pelos seus contemporâneos, tampouco pelos antepassados do seu povo.

Algo deveria marcar inquestionável, única e eternamente este novo fato do esforço de levá-los a conhecer a eterna verdade! O quê?

Talvez buscar o caminho em momentos já passados, analisando o já ocorrido, instrumentado do conhecimento dos resultados gerados, como que comentando uma partida de futebol terminada onde tudo é óbvio e toda aposta é nula. Este podia ser um bom roteiro para definir o que fazer e aí, lembrando-se de tantas histórias e passagens, retomar de cada uma um pouco da emoção e da experiência que agora seriam inspiradoras.

Lembrar da cura, da pesca ou da festa; lembrar da morte, da fuga ou da fala de outrora é retomar o veio mais intenso da vivência da missão e buscar motivos para não desistir. Quem sabe esta nostalgia não esclarecesse os próximos passos rumo ao futuro?

Mas de fato, embora a mente rodopiasse, meio perdida, meio curiosa, não lhe sumia a referência da pergunta que o inquietava: Como levá-los a entender?

E por não mais do que alguns instantes deleitou-se com as primeiras redescoberta, riu das lembranças mais recentes e ponderou sobre como havia agido. “E se fosse agora?”

Neste exercício de memória, outras não tão recentes lhe vieram, o tempo de aprendizado, a admiração por seu pai, a companhia de outros jovens a quem, por tantas e tantas vezes buscou igualar-se simplesmente para sentir-se “mais normal”.

Neste ponto surgiu-lhe, claro e evidente, a sua primeira anormalidade. “Como pude estar com eles? Como pude discutir com eles? De onde me vinham os argumentos e o conhecimento que sustentaram aquela conversa de menino frente a homens?”. Esta indagação momentânea mostrou quão estéril era a tentativa de fazer-se normal. Não se pode ser normal quando se é o fiel depositário de tamanha missão: Levá-los a entender!

Tudo passou muito rápido, na vida e na memória, e a questão ainda se fazia incômoda.

Já não sabia do tempo que estava ali, nem queria saber. Necessitava ainda achar a razão e como poder mostrá-la a todos, nem que todo o tempo passasse. Em verdade, o tempo não era essa a sua preocupação.

Dentre estes pensamentos, num *flash*, apareceu-lhe uma cena da infância, do lugar onde morava, das pessoas com quem convivia e no mesmo impulso as histórias que conhecia, não por lembrança vivida, mas tê-las ouvido. Talvez porque fossem das primeiras lembranças, da mais tenra idade, de onde, geralmente, não trazemos memórias, mas a construímos ouvindo um ou outro comentário de mãe ... e lembrou-se da sua mãe ... que completavam uma cena mal contada com o carinho com que o faziam e em suas imaginações amorosas se mostravam plenas e perfeitas como cena alguma jamais foi em sua real ocorrência.

De todas, estas têm sido as mais doces. Possivelmente porque tinham uma natural ternura infantil que as envolvia, talvez pela presença em cena da figura forte materna ou ainda porque eram, dada a sua construção, inundadas do mais puro e do primeiro amor que sem dúvida trazia distorções ao fato, mas também acrescentava-lhe sabor, cor e ternura. Sentiu-se confortavelmente preso a esta parte de suas lembranças e permitiu-se recostar sua mente por alguns momentos.

Como que em repentes, durante o seu regozijo, vinha por diversas vezes: Levá-los a entender!

Mas dentre os seus momentos de lembrança sentia a dúvida menor como que parecendo estar cada vez mais perto da resposta, mas ia ainda perdido.

Repetiu silenciosamente frases que escutara durante toda a vida, experimentou-as novamente e sentiu o gosto de sempre. Renovou a consciência de que era diferente e que desde sempre esteve envolvido com a vontade de seu Pai de que todos, de modo definitivo, entendessem e por isso pertencia a este plano maior de amor e salvação, que embora só se cumpriria muito depois de sua morte, existia desde sempre e tornar-se-ia claro e compreendido neste derradeiro momento, pois a esperança se renovaria tomando o espaço daquilo que parecia a morte, em verdade o cumprimento da promessa.

E assim pensou no nascimento e na morte, não os seus, mas o de todos os amados pelo seu Pai.